

Camerata Dias
Gomes celebra 100
anos de Janete Clair



PÁGINAS 3

Os achados
do Festival de
Buenos Aires



PÁGINAS 4 E 5

'Ainda Estou Aqui'
inicia sua jornada
no streaming



PÁGINA 7

2° CADERNO

Novo álbum de
Francis Hime reúne
composições inéditas
de sua safra mais
recentes e encontro
musicais com nomes
como Ivan Lins,
Simone, Lenine,
Zélia Duncan e
Mônica Salmaso

As parcerias afetivas do maestro

Por Affonso Nunes

Após muita expectativa chegou às plataformas o novo álbum de Francis Hime, "Não Navego Pra Chegar", lançado na última sexta-feira (4), reafirma o compromisso inabalável do artista, hoje com 85 anos, a canção popular nesses últimos 60 anos.

Pianista, compositor, arranjador, maestro e cantor, Francis é autor de uma obra marcada pela sofisticação harmônica e por parcerias com nomes como Vinicius de Moraes, Chico Buarque, Paulo César Pinheiro e Geraldo Carneiro. Formado em engenharia, trocou os cálculos pela música nos anos 1960, tornando-se figura central da MPB. Entre suas composições mais conhecidas estão "Atrás da Porta", "Meu Caro Amigo", "Trocando em Miúdos" e "Passaredo".

Com sólida formação erudita e trânsito livre entre o popular e o sinfônico, Francis construiu uma carreira que combina rigor técnico, lirismo e afeto.

Francis é fascinado por encontros musicais desde suas primeiras criações com o Poetinha. Fala com entusiasmo e carinho de todos os parceiros que colecionou e seu novo trabalho, que sucede o elogiado "Hoje" (2019), não foge à regra.

Continua na página seguinte

Isabela Espíndola/Divulgação



Francis Hime com a eterna companheira Olivia e Paulo Aragão, que assina um dos arranjos do álbum



Francis e Zélia Duncan: o compositor conta que tinha uma canção pronta esperando que ela pudesse gravar

Um trabalho de zelo e artesaniania

Gravado ao longo de 2024, com a artesaniania que caracteriza a trajetória de Francis Hime, o álbum é fruto de encontros e colaborações. Muitas das canções nasceram de melodias enviadas por parceiros — uma forma de composição que Francis experimentou com entusiasmo. “A partir da ideia inicial do meu parceiro compositor, eu segui compondo a sequência. Foi assim com Ivan Lins em ‘Imaginada’; com Maurício Carrilho em ‘Não Navego Pra Chegar’, e com Zé Renato em ‘Imensidão’”, conta o músico.

As letras dessas faixas, assim como de outras do disco, são assinadas por Olivia Hime, cuja presença se estende também aos vocais. “Esse título fala muito sobre o jeitinho do Francis de estar na vida e na música”, conta a parceira de música e de vida. “É bonito vê-lo, como quem não quer nada, preparar um disco de inéditas, compor um concerto, caminhar pela vida como quem não se preocupa com o tempo”, elogia.

No repertório, há parcerias que aguardavam há décadas por uma gravação. “Infinita”, feita com Zivaldo para uma peça teatral nunca encenada, ganha aqui sua primeira versão, na voz de Olivia. Já “Tempo Breve”, composta com Bráulio Pedroso, encontrou em Zélia Duncan a intérprete ideal. “Foi só nós dois, ao vivo, no estúdio. Ele me ensinava as notas com paciência e vigor. Aquela noite foi uma das



Zé Renato se junta ao numeroso elenco de parceiros do maestro

mais especiais da minha vida”, diz a cantora.

Com Simone, Francis divide “Samba pra Martinho”, homenagem a Martinho da Vila escrita com Geraldo Carneiro. “Quando ouvi a música, visualizei uma avenida. O samba-enredo, a vida do Martinho, a melodia do Francis... está tudo arraigado na gente”, comenta a Cigarra.

Outras participações se destacam pela entrega vocal e sensibilidade dos arranjos. Mônica Salmaso transforma a faixa-título num choro-canção, em interpretação guiada pelo cuidado e pelo tempo da música. “Essa parceria de craques

diz muito sobre quem eu sou e como vivo meu trabalho. Todos celebramos juntos a felicidade que é a música brasileira”, diz ela.

Leila Pinheiro encara uma das composições mais exigentes do disco, “Tomara que Caia, uma salsa escrita por Francis e Moraes Moreira, que nos deixou em 2020. “Até a hora de gravar, eu duvidava, de verdade, que daria conta. Mas deu certo, e até pareceu fácil. Que loucura!”, comenta. Para ela, a canção funciona como “um susto feliz dentro de um álbum de canções densas e líricas”.

Lenine canta o baião “Chula Chula”, par-

ceria de Francis com Geraldo Carneiro. “O Francis me deu, já há alguns anos, uma cadeira cativa nos discos dele. Participo sempre com muito amor e orgulho. Gravar essa canção foi maravilhoso, como sempre”, destaca.

A lista de duetos inclui ainda Dori Caymmi, em “Um Rio”, e Zé Renato, em “Sinfonia do Rio”. Zé também assina a melodia de “Imensidão”. “Ter uma canção em parceria com o Francis é quase como realizar um sonho. Desde que comecei a fazer música, as melodias dele me guiaram — e continuam guiando”, diz Zé.

Completam o repertório “Shakespeareana” (com Geraldo Carneiro), que traz Francis nos vocais acompanhado pelo Quarteto Maogani, e uma constelação de músicos que reforça a delicadeza do projeto: Paulo Aragão (violão), Jorge Helder (contrabaixo), Diego Zangado (percussão), Ricardo Silveira (guitarra), Luciana Rabello (cavaquinho), Maurício Carrilho (violão), Kiko Horta (piano), Marcus Thadeu (bateria e percussão), Aquiles Moares (flugelhorn), Dirceu Leite (flauta e sax), Hugo Pilger (violoncelo) e Cristiano Alves (clarinete).

“Não Navego Pra Chegar”, já diz o próprio nome é disco de travessia, feito com aquele esmero que pde tempo, escuta e afeto. Como diz Olivia, as gravações aconteceram com leveza e alegria. “O Francis atrai esse clima de paz”, acredita.

E a novela foi ao concerto

Camerata Dias Gomes celebra centenário da escritora Janete Clair em concerto no Arte Sesc Flamengo

A escritora Janete Clair (1925–1983), um dos principais nomes da teledramaturgia brasileira, será homenageada em seu centenário com um concerto da Camerata Dias Gomes. A apresentação acontece nesta terça-feira (8), às 18h, no Arte Sesc Flamengo, como parte da série Música no Museu.

Formada em 2012 pela violoncelista e poeta Denise Emmer, filha de Janete Clair e Dias Gomes, a Camerata nasceu como uma homenagem aos 90 anos do dramaturgo e passou a integrar circuitos voltados à música



Denise Emmer (ao centro, com o violoncelo) e os integrantes da Camerata Dias Gomes

de câmara, com apresentações em espaços como a Academia Brasileira de Letras. Ao longo de seus treze anos de atividade, o grupo tem se destacado por uma proposta que alia repertório erudito a um diálogo com a memória cultural brasileira, tanto por meio de suas escolhas musicais quanto pelas figuras que evoca. Seus integrantes são músicos que

atuam em orquestras como a Petrobrás Sinfônica, a Theatro Municipal, a Rio Camerata e da Escola de Música da UFRJ.

Para o concerto em homenagem a Janete Clair, Denise conta que a orquestra preparou um repertório com obras que a escritora apreciava. Entre elas, “Clair de Lune”, de Debussy — peça associada à sua imagem e memória

—; e composições de Villa-Lobos e Chiquinha Gonzaga. O programa inclui ainda um pout-pourri com temas de novelas criadas pela teledramaturga como “Irmãos Coragem”, “Selva de Pedra”, “Coração Alado”, “O Astro” e “Pai Herói” com arranjos do compositor Alexandre Schubert.

A formação da Camerata foi ampliada especialmente para esta ocasião, reunindo oito violinos, três violas, quatro violoncelos, dois contrabaixos, piano, flauta, fagote e percussão. A regência será do maestro Alexandre Rocha.

Segundo Denise Emmer, que integra a orquestra como violoncelista, a homenagem tem um significado pessoal profundo. “Tocar o violoncelo na orquestra é a forma mais direta de chegar ao espírito da minha mãe”, diz. “Dedilhando as notas de Clair de Lune e dos temas que marcaram suas novelas, sua memória se reinventa num quadro mágico”, comenta.

SERVIÇO

CAMERATA DIAS GOMES

Arte Sesc Flamengo (Rua Marquês de Abrantes, 99)

8/4, às 18h

Entrada franca

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Reviver Dalva

Alaíde Costa vive uma fase luminosa. Aos 90 anos, uma das grandes vozes da MPB celebra a data com disco dedicado a Dalva de Oliveira, intérprete fundamental da nossa canção popular. O álbum, batizado “Uma estrela para Dalva”, com lançamento em 9 de maio, reúne a voz serena de Alaíde com o talento de músicos como Amaro Freitas, Antônio Adolfo e Cristóvão Bastos. O primeiro single é “Há um Deus”, clássico de Lupicínio Rodrigues. Nele, Alaíde divide a cena com o pianista Vitor Araújo em releitura comovente.

Samuca Kim

Priscila Prade/Divulgação



Influência de Cássia

Ana Carolina lançou nas plataformas o EP “Ana Canta Cássia ao vivo – volume 2”. O repertório traz registros de “Todas as Mulheres do Mundo”, “E.C.T.”, “Maluca”, “Partido alto” e o medley de “Milagreiro / Nós”, gravados ao vivo durante apresentação no Tokio Marine Hall (SP). Com mais de 400 mil espectadores, o show celebra a obra de Cássia Eller e vem sendo eternizada em etapas. “Cássia mudou minha vida lá atrás e voltou a me transformar profundamente como artista. Seu silêncio continua gigante e potente, assim como sua voz, que canta e vive pra sempre”, diz Ana.



Divulgação



Muito a comemorar

Nem chegamos à metade do ano e Mumuzinho já tem muito o que comemorar neste 2025. O cantor ultrapassou a marca de 2 bilhões de streamings em sua discografia, um número que confirma sua força e o carinho do público. Em plena turnê nacional com o show do DVD “Conectado”, o artista lançou o vídeo da música “Luz na Escuridão”, uma das faixas do novo projeto. Outra canção do repertório, “Sou Céu ou Chão”, parceria com Thiaguinho, está entre as mais executadas nas rádios brasileiras, ocupando atualmente o terceiro lugar no ranking nacional.

Garimpando em telas hermanas

Divulgação



Una Quinta Portuguesa

Divulgação



Depois de uma semana de projeções, Festival de Buenos Aires aponta seus potenciais cults



Minha Mãe é uma Vaca

Por Rodrigo Fonseca Especial para o Correio da Manhã

Vai ter Bafici até domingo, sendo que sábado, o Festival Internacional de Cinema Independente de Buenos Aires anuncia quem vai ganhar seus prêmios, em diferentes categorias. Na quarta, o Brasil entra em campo na seleção arquitetada sob a direção artística de Javier Porta Fouz com “O Último Azul”, de Gabriel Mascaro, que ganhou o Grande Prêmio do Júri da Berlinale ao criar uma distopia contra o etarismo, apoiado no talento de Denise Weinberg e Rodrigo Santoro.

De terça passada até esta segunda (7), múltiplas produções ganharam status de cult nas telas da Argentina que se unem para o evento. Confira a seguir os achados mais comentados deste Bafici.

UNA QUINTA PORTUGUESA, de Avelina Prat (Espanha): Atuações comoventes de Manolo Solo e Maria de Medeiros asseguram lirismo a esta narrativa de delicados enquadramentos da diretora de “Vasil” (2022). A fotografia dionisíaca de Santiago Racaj aquece o clima deste enredo sobre recomeços. Nele, Fernando, um pacato professor de geografia, caiu num abismo sentimental após o desaparecimento de sua mulher. Sem rumo na vida, ele assume uma nova identidade e passa a trabalhar como jardineiro em uma vila portuguesa, onde faz uma amizade inesperada

com o proprietário e entra em um mundo que não lhe pertence.

MINHA MÃE É UMA VACA, de Moara Passoni (Brasil): Escrito por Fernanda Frotté em duo com sua realizadora, esta produção vem arrebatando olhares pelo mundo afora desde o Festival de Veneza pela direção de arte de Isabel Azevedo e pela fotografia de Carolina Costa. Em sua trama, a jovem Mia espera notícias do paradeiro da mãe. Longe da proteção materna, a menina é deixada aos cuidados da tia, imersa na paisagem mítica do Pantanal. Sob a ameaça de onças e queimadas, ela descobre que o amor pode se manifestar de maneiras inesperadas.

TOM'S 2ND SUICIDE, de Karni Haneman (Israel): Bem calçado na engenharia sonora de

**Tom's 2nd Suicide**

Divulgação

**Bajo las Banderas, El Sol**

Divulgação

Melusine Productions

Divulgação

**Slocum et Moi****Paying For It**

Ronen Nagel, este drama flerta com a finitude para celebrar a vontade de viver, amparado por um trabalho plural de sua realizadora, responsável também pelo roteiro e pela montagem. A ação se passa em 9 de março, o dia da tentativa anual de suicídio de Tom (papel da própria diretora). É também o momento em que Kobi (Adam Avidan) precisa enfrentar más notícias. O destino e um carro quebrado

forçam os dois a embarcar em uma jornada surreal, com o objetivo de acabar com a vida de Tom.

BAJO LAS BANDERAS, EL SOL, de Juanjo Pereira (Paraguai): Sete anos depois da consagração de "As Herdeiras", nuestros Hermanos paraguayos voltam a se destacar no coração berlinense. Este documentário é um mosaico de exuberante montagem. Sua estru-

tura formal é uma reação à recordações latinas de 1989, ano da queda da ditadura de 35 anos de Alfredo Stroessner. Sua saída do Poder marcou o fim de um dos regimes autoritários mais duradouros do mundo. Isso também levou ao abandono dos arquivos audiovisuais que haviam consolidado seu comando. Esse material, criado para moldar uma identidade nacional e celebrar um regime de direita, foi deixado para desaparecer da memória. Juanjo cuidou para evitar esse destino.

PAYING FOR IT, de Sook-Yin Lee (Canadá): A genial atriz de "Shortbus" (2006) se estabelece como diretora, filme a filme, consagrando sua verve autoral com esta adaptação da graphic novel "Pagando Por Sexo", de Chester Brown. Nos anos 1990, o próprio Chester (vivido por Dan Beirne)

**Os Últimos Dias de Salazar**

e Sonny (Emily Lê) vivem um namoro nas raízes do casamento, assombrados pelo tédio. Quando ela decide redefinir a vida, com a proposta de um relacionamento aberto (onde pode transar com os homens que deseja), ele passa a sair com profissionais do sexo e descobre uma nova (e picante) forma de intimidade. Sook-Yin dirige com elegância uma história sobre amor, sexo e não-monogamia que discute a prostituição com lirismo.

PAI NOSSO – OS ÚLTIMOS DIAS DE SALAZAR, de José Filipe Costa (Portugal): Num exercício de sutileza, o diretor do crocante "Prazer, Camaradas!" (2019) se embrenha pela ficção a fim de narrar o calvário do líder luso António de Oliveira Salazar (1889-1970), com Jorge Mota no papel do estadista. Existe sátira no

engenho dramaturgico do roteiro escrito pelo cineasta com Letícia Simões e Daniel Tavares, numa reconstituição dos delírios salazaristas na reta final de sua vida, já distante do Poder.

SLOCUM ET MOI, de Jean-François Laguionie (França): Um dos exercícios autorais de maior lirismo do animador por trás de "Louise En Hiver" (2016) e "A Viagem do Príncipe" (2019). A trama se passa no início dos anos 1950, às margens do Marne. Nessa ocasião, François, um garoto de 11 anos, descobre que seus pais estão construindo um barco no jardim da família, uma réplica de um famoso veleiro. O processo de construção da embarcação, visto pelo olhar de uma criança, abre deixa para o veteraníssimo cineasta (nascido em 1939) criar um painel das desilusões de sua geração.

ENTREVISTA / BOGDAN MORESANU, CINEASTA

Rodrigo Fonseca



Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Duas décadas se passaram desde que os festivais de cinema descobriram uma estética singular, de CEP romeno, que se estrutura sob tragicomédias, sempre escancarando inadimplências de um estado que, por décadas a fio, viveu sob o jugo comunista, administrado pela pesada mão de Nicolae Ceausescu (1918-1989). O sucesso mundial de “O Ano Novo Que Nunca Veio” (“The New Year That Never Came”), cuja carreira começou e setembro, coroada com o prêmio oficial da mostra Horizontes de Veneza, comprova que a primavera cinematográfica da Romênia se mantém firme e forte nas telas.

Seu realizador, Bogdan Muresanu, é um dos artistas essenciais à manutenção do interesse mundial pelas imagens que se produzem em Bucareste e arredores. O longa é uma das atrações (fora de concurso) mais badaladas do 26º Festival Internacional de Cinema Independente de Buenos Aires, o Bafici. O evento escalou Bogdan para integrar o júri de curtas e longas internacionais (onde o Brasil concorre com “Minha Mãe É Uma Vaca”, de Moara Passoni) e promove ainda uma retrospectiva de sua obra, com títulos como “The Christmas Gift” (2018) e “Negruzzi 14 (The Last Day of a House)” (2016).

Em junho, ele terá um filme novo para exibir planeta adentro, a animação “Magicianul [The Magician]” (“O Mágico”), que vai inaugurar sua carreira global a partir do Festival de Annecy, a Meca dos desenhos. O cineasta adiantou detalhes de sua trama neste papo com o Correio da Manhã na capital ar-



‘A História não é confiável’

gentina, que se corre atrás de ingressos para conferir o prestígio de “O Ano Novo Que Nunca Veio”, exibido pela Mostra de São Paulo, em outubro. Seu enredo se passa em 20 de dezembro de 1989, quando o povo romeno se encontra à beira de uma revolução. As ruas estão repletas de manifestações, os estudantes tripudiam do regime por meio da arte e as apresentações de réveillon glorificam a figura de Ceausescu. Ao mesmo tempo, no desconforto das casas sem aquecimento, famílias enfrentam conflitos pessoais. Esse turbilhão redesenha caminhos... e afetos.

Na entrevista a seguir, Bogdan compartilha conosco suas inquietações

geoplíticas.

Filmes como “O Ano Novo Que Nunca Veio” e, agora, “The Magician” revivem diferentes momentos da História da Europa. De que maneira vetores políticos e culturais da Romênia modulam essa recriação que faz do Tempo, ao olhar o passado?

Bogdan Muresanu: A animação que eu vou mostrar no Festival de Annecy, “The Magician”, é ambientada em um dia, em 1910, quando a primeira estação elétrica de energia instalada na Romênia. Tenho um outro filme, “Negruzzi 14 (The Last Day of a House)” (incluído no Bafici), que também

se passa num dia. Esses trabalhos retratam meu interesse por pontos de ruptura nas camadas do Tempo. Camadas fraturadas. Talvez eu devesse tratar essa recorrência como um assunto para uma sessão de psicanálise. Essa minha relação com o Tempo sugere o meu interesse em falar de pessoas que estão vivendo no lugar errado. Bucareste é um lugar duro.

Em que ponto, numa reconstituição de época, existe a tentação de fazer de um filme uma aulla de História?

A História não é confiável. Ele escrita por vencedores. Aí entra a arte. Arte não lida com certezas, mas, sim, com sombras. A perspec-

tiva da arte é a dúvida.

Há exatamente 20 anos, “A Morte do Sr. Lazarescu” (2005), de Cristi Puiu, atraiu as atenções do planisfério cinéfilo para a produção audiovisual da Romênia e para as vozes autorais que reverberam a partir de Bucareste. Até Palma de Ouro vocês ganharam, com “4 Meses, 3 Semanas e 2 Dias”, em 2007. Como a produção cinematográfica romena mudou nessas duas décadas?

O que mudou a partir dos anos 2000 é que passamos a ser enquadrados a partir de uma espécie de bloco, a Nova Onda Romena, mas havíamos demarcado nosso espaço antes de Lazarescu. Primeiro veio, “È Pericoloso Sporgersi”, de Nae Caranfil, em 1993, que teve eco na mesma época de “Pulp Fiction”, e, depois, o primeiro longa de Puiu, “Stuff and Dough” (“Os Bens e o Dinheiro”), de 2001. Esses filmes trouxeram uma sensação de que fazíamos um cinema moderno. A narrativa de Nae Caranfil, por exemplo, trouxe para a minha geração uma sensação de que, no cinema, a Romênia estava sintonizada com o zeitgeist de sua época. Isso conta muito quando se pensa que somos um dos países mais pobres do mundo.

O fantasma de Nicolae Ceausescu, que governou a Romênia de 1965 a 1989 como secretário-geral do Partido Comunista, foi exorcizado?

A presença dele ainda se faz sentir toda vez que alguém, lá, começa a falar bem do comunismo. Quem fala assim não deve se lembrar mais de como ele era. A Romênia daquele tempo era um lugar sombrio. Parecia que vivíamos uma noite perpétua.

Qual é o orçamento médio de uma produção cinematográfica hoje na Romênia?

Não se filma um longa por menos de 800 mil euros. Em geral, a base de um longa romeno é um milhão de euros. “O Ano Novo Que Nunca Veio” custou um pouquinho mais, por usar muitas locações.

Divulgação



O desempenho de Fernanda Torres no longa recebeu elogios calorosos mundo afora e ainda pode render novos prêmios à atriz, como o Platino, uma das mais prestigiadas honrarias do cinema ibero-americano

Um novo espaço para brilhar

Depois de consagrada passagem de 21 semanas no circuito nacional, 'Ainda Estou Aqui' chega ao streaming via Globoplay

Por **Affonso Nunes**

Depois de 21 semanas em exibição, o filme "Ainda Estou Aqui", melhor filme internacional no Oscar 2025, encerrou seu percurso nas salas de cinema do Brasil com um desempenho notável. Ao longo desse período, a produção atraiu 5,834 milhões de espectadores, consolidando-se como um dos maiores fenômenos recentes do cinema nacional. O longa de Walter Salles conquistou o público, estabeleceu marcos inéditos para o audiovisual brasileiro em premiações internacionais e agora faz sua estreia no streaming ao chegar na grade da plataforma Globoplay.

Inspirado na vida da advogada e ativista Eunice Paiva, o filme parte de uma experiência profundamente pessoal para iluminar uma das fases mais sombrias da história recente do Brasil. Eunice, viúva do ex-deputa-

do federal Rubens Paiva, morto nos porões da ditadura militar em 1971, transformou sua dor em luta. Mãe de cinco filhos e sem qualquer experiência anterior na política ou no ativismo, ela assumiu o papel de voz pública em defesa dos direitos humanos em um país silenciado pela repressão. "Ainda Estou Aqui" acompanha sua trajetória de coragem, dignidade e reinvenção, abordando com sensibilidade temas como violência de Estado, maternidade, memória e resistência.

Nascida em 1929, em São Paulo, Eunice Paiva formou-se em Direito após o desaparecimento do marido e dedicou-se ao trabalho junto a comunidades carentes, especialmente no campo da regularização fundiária. Atuou como advogada popular em favelas da Zona Sul paulistana, tornando-se referência na defesa dos direitos civis e sociais. Sua postura discreta, mas firme, transformou-a em símbolo de resiliência e comprometimento ético

em tempos de ruptura democrática. Faleceu em 2015, aos 86 anos.

A recepção calorosa dos espectadores foi acompanhada por uma trajetória impressionante nos festivais e nas cerimônias de premiação. "Ainda Estou Aqui" tornou-se o primeiro filme brasileiro a conquistar o Oscar de Melhor Filme Internacional, uma vitória histórica que reforça a força criativa do cinema produzido no país. Na mesma temporada, recebeu o Prêmio Goya de Melhor Filme Ibero-Americano, além do Globo de Ouro de Melhor Atriz em Filme de Drama para Fernanda Torres. A atriz, que protagoniza o longa com intensidade e sutileza, foi amplamente celebrada pela crítica especializada. A produção também foi reconhecida pelo Festival de Veneza, onde venceu na categoria de Melhor Roteiro. Ao todo, já são sete prêmios de Melhor Filme atribuídos pelo júri popular em festivais de renome.

Com uma carreira internacional igualmente sólida, o filme já foi exibido em 42 países. A distribuição abrange um amplo espectro geográfico, incluindo mercados tradicionais como França, Espanha, Itália, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e Canadá, e também países da América Latina, como Argentina, Chile, Colômbia, México, Uruguai, Paraguai, Peru e Venezuela. Além disso, chegou a regiões menos habituadas à presença do cinema brasileiro, como Taiwan, Romênia, Eslováquia e Turquia. As próximas estreias já estão confirmadas: China (17/5), Japão (agosto), Suécia (setembro), Dinamarca (2/10) e Noruega (3/10).

Nos Estados Unidos, onde estreou em 17 de janeiro, o filme segue em cartaz e já arrecadou mais de US\$ 6,2 milhões, o que o coloca como o terceiro filme internacional mais assistido no país desde o início da pandemia. Em escala global, a bilheteria superou a marca de US\$ 35,5 milhões, segundo dados do site Box Office Mojo. Os números expressivos reforçam o interesse internacional por obras autorais com identidade cultural forte e narrativa universal.

A caminhada de "Ainda Estou Aqui" nas premiações continua firme. No Prêmio Platino, uma das mais prestigiadas honrarias do cinema ibero-americano, o longa concorre nas principais categorias: Melhor Filme Ibero-Americano, Melhor Direção para Walter Salles e Melhor Atriz para Fernanda Torres. Também disputa o Prêmio do Público nas categorias de Melhor Filme de Ficção e Melhor Atriz. A cerimônia será realizada em 27 de abril, no Palácio Municipal Ifema Madrid, com transmissão ao vivo pela plataforma SmartPlatino TV.

Desde sua estreia, o filme tem sido destaque em mais de 50 festivais ao redor do mundo, acumulando até agora 27 prêmios nacionais e internacionais. Dentre os mais relevantes, sete foram atribuídos ao longa como Melhor Filme pelo júri popular: no Festival Internacional de Cinema de Roterdã, na 48ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, no Festival de Vancouver (Canadá), no Festival de Cinema de Mill Valley (Estados Unidos), no Festival de Pessac (França) — onde também recebeu o Prêmio Danielle Le Roy, concedido pelo júri jovem — e no Festival Internacional de Cinema de Miami.

A força de "Ainda Estou Aqui" reside não apenas em seus reconhecimentos formais, mas na forma como dialoga com o público. A sensibilidade do roteiro, a direção segura de Salles e a entrega dos atores em cena resultam em uma obra que reverbera muito além das salas de exibição, encontrando eco nas discussões sobre a defesa dos valores democráticos.

Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra
uma liderança imbatível de mercado tem que
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.



PROTEL

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.